



HOLYROOD.

Não é nosso intuito escrever a biographia de Maria Stuart; são muito conhecidos os incidentes da sua vida. Todos sabem que ainda estava no berço e já era proclamada rainha de Escocia, que aos dezeseis de sua idade se desposou com o delphim de França, depois coroado rei com o nome de Francisco 2.º. Passado o ephemero reinado deste principe, viu-se perseguida pelo character odiento de Catharina de Médicis, e obrigada a sahir de França; commovem as almas sensiveis os versos maviosos, que compoz ao largar os sitios agradaveis, onde gastára os annos da mocidade. Tambem são notorios os enredos que na Escocia lhe armaram: constrangida a fugir pediu asylo a sua prima, Isabel d'Inglaterra: » — concedei-me (lhe escrevia) protecção e soccorro a titulo de princeza infeliz, de visinha e de proxima parenta. » — Isabel a fez correr de prisão em prisão e depois de annos de rigoroso captiveiro a mandou degollar com estranha crueldade; acto que para sempre tornou detestavel e abominosa a memoria da rainha que os inglezes chamam heroína. — Não esmiuçaremos estes factos de sua natureza dramaticos; mas convem observar que Maria Stuart era catholica e de zelo ardente pela sua fé, á qual sacrificava a sua corôa e bens, a propria vida e a dos seus; a rainha d'Inglaterra, protestante, ciosa e vingativa, devia ser a sua inimiga declarada, e alem disso gozando de soberano poder não lhe faltaram pretextos para condemnar a sua rival; dizem que até a singular formosura de Maria foi causa do seu furor, porque Isabel querendo parecer varão na energia do governo, e simulando a austeridade religiosa e uma castidade hypocrita, tinha o defeito trivial nas mulheres de não admittirem que outra seja mais formosa. Demais, como poderia a desgraçada Maria Stuart

AGOSTO 31 — 1844.

defender-se perante um parlamento comprado? Desamparada e sem amigos, sem conhecer as formulas judiciais, sem testemunhas nem conselhos que lhe aproveitassem, que poderia contrapor á turba de gente da justiça assalariada e conjurada contra ella? E se entre os juizes descobria dois ou tres inclinados a seu favor, eram homens que não ousavam declara-lo porque os accusadores della os espiavam e sua fortuna e vida dependiam talvez do voto que neste processo proferissem. Todavia, apesar de tanta desigualdade, Maria defendeu-se com talento e firmeza, e por muitos dias suspendeu esses homens iniquos que encarnicados requeriam a sua morte: a final cahiu victima do fanatismo protestante e do ciumento rancor de sua prima Isabel.

O palacio de Holyrood, em Edimburgo, um dos paços reaes da Escocia foi por muito tempo residencia de Maria: nos quartos do segundo andar, que occupava, ainda hoje mostram o seu leito. Este edificio foi na sua origem uma abbadia, fundada no principio do seculo duodecimo pelo rei David 1.º: o bairro que o circunda tem sido muito nomeado por ser o asylo ou couto dos devedores que temem ser presos pelo não pagamento de suas dividas.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

19.º

(Continuado de pag. 264.)

Independencia.

FERNÃO Gonçalves voltava de pôr a salvo fóra das
2.ª SERIE — Vol. III.

portas do burgo ao conde Véla, sem accidente desagradavel. O povo, a um pregão que a auctoridade mandára deitar, tinha deixado livre a passagem ao vassallo fiel de Ramiro, e até se havia abtido de toda a casta de insultos. Mas nos cavalleiros e tropa de pé alaveza se notára uma certa impaciencia e alteração ao presenciar a sahida do seu tiuphado. Sabiam que os deixava talvez para sempre: muitos desejavam acompanhá-lo, e porventura vingá-lo: mas continha-os o exercito de Castella estacionado na cidade, parte do qual fôra postar-se de observação junto aos quarteis da tiuphadia de Alava, em quanto o conde Véla esteve dentro dos muros, para que nem a ultima podesse amotinar-se, nem algum dos alavezes seguisse ao seu capitão. Sem embargo d'isso um homem de armas pôde á formiga escapar-se, e sem que ninguém o visse, ir encontrar o conde Véla ao caminho logo á sahida de Burgos. E depois de uma conferencia com este voltou furtivamente para a cidade, despercebido de todos.

Que se passou nessa conferencia secreta? Os successos o dirão.

No burgo notava-se um movimento extraordinario de moradores que iam e vinham. Juntava-se a gente nas ruas aos grupos, que de minuto para minuto iam crescendo. Ouvia-se o ruido das portas que se fechavam, sem exceptuar as dos proprios homens de officio, que largando o trabalho sabiam para a rua, como é uso em dias de festa. Somente as das lojas dos armeiros, alfagemes, ferradores, selleiros e correeiros estavam abertas; e até se observava maior concorrência de gente a ellas. Um vinha comprar uma espada, outro buscar uma lança ou um montante que deixára para ser afiado. Este vinha ver se já estava composta uma bêsta que alli levára para lha concertarem. Os ferradores esses não tinham mãos a medir. E os correeiros e selleiros não eram menos frequentados. É que os novecentos lavradores que haviam de ser armados cavalleiros já tinham chegado; e a maior parte delles cavalgavam eguas em osso, e estavam desprovidos de apparelhos e armas de guerra.

Não se via andar unicamente a gente somenos; os mesmos habitantes mais grados do burgo começavam a apparecer. Vinham estes com as suas gollilhas, e nos trajos mais decentes. As mulheres vestiam estreitos meios corpos justos no pescoço, e no punho, com saias curtas de burel que pela quantidade das pregas avultavam em roda como as anquinhas e o donaire, ou similhavam os cestos antigos de gargalo estreito, e de bojo amplo; e em vez da monteira pontaguda dos homens, traziam-na com dois angulos formados nos lados da cabeça, por onde saham duas compridas tranças de cabelos de ebano, a fluctuar-lhes sobre as costas. Um collar de prata lhes servia de adereçe. E calçavam sapatos enfeitados de borlas enormes.

Andavam homens armando tablados nas esquinas das ruas, e outros juncando de rosmaninho a de S. Martim, e a Vejarrua. E na Vejarrua que concurso era aquelle á porta d'uma casa baixa! Eram os freguezes da tia Josefa, e os seus amigos: homens de officio e gente do campo. Era mossem Martinho, mestre Crispim, mestre Romão, mossem Sueyro Gaindiz, e juntamente alguns frades dos mosteiros do burgo. Era o grande programma da cêa da Vejarrua que por modo não esperado começava a realisar-se. A conjuração ainda imperfeita e mal esboçada dos homens de trabalho na idade me-

dia, o juramento de socorro e auxilio mutuo por elles prestado ensaiava-se em Castella a primeira vez. O entusiasmo da independência despertava aquelles homens. E occulto ainda, fermentava já naquellas almas o grande pensamento da liberdade humana, revelado a todos os povos, proseguido em todos os tempos, formulado ora n'um, ora n'outro symbolo, no religioso, no poetico, ou no politico; mas sempre activo, e manifestando-se agora na querella dos vassallos ou servos com o seu senhor, agora na dissensão de uma villa com a villa vizinha, agora no divorcio de um feudatario com o seu suzerano. — Vêdes acolá defronte na torre da igreja de St.^a Coloma a alegria com que aquelle homem está enramando os sinos de louro, e enfeitando-os de flores? Uma lagrima lhe brilha nos olhos; e aquelle cabeça desfavorecida, aquelle intelligencia decepada, aquelle mossem Graviel, que encontrastes uma noite na taberna da Vejarrua — esse mesmo tem n'esta hora uma revelação tão completa dos grandes destinos do povo como os Gracchos a tiveram!

Abandonai-vos, almas singelas, abandonai-vos á esperanza! Saudais o sol da independência que se levanta para vós; não vêdes no horisonte o rôlo de nuvens negras que annuncia a tempestade. . . . Mas lá em cima, naquelle palacio junto ao castello um atalaya vigia por vós. Para lá me encaminho.

A hesitação, e os dois rivães.

Conde!

«Escrevo-te profundamente afflicta. Meu pai quer-me obrigar a casar com o irmão do conde Véla. «Debalde lhe lembrei a affeição que me prende a «ti, e a promessa que elle mesmo te fez da minha «mão. Sabes qual foi a resposta? Um annuncio terrivel que veio aggravar mais as penas da minha «alma! Disse-me que tu eras um homem perdido «—que o rei de Leão te havia tomado em odio, e «ia tirar-te o governo de Castellá para o dar ao «conde Véla; e accrescentou que o irmão d'este «era o que Ramiro escolhia para governar em Alava. Fiquei assombrada com esta noticia fatal! Mas «arrei-me de resolução, e continuei a resistir á «vontade de meu pai: fui tratada com uma aspereza que nunca esperei. . . . Afinal pedi-lhe de joelhos, e com muitas lagrimas que visto não consentir que a sua filha fosse tua esposa, lhe permittisse tomar o véu, e longe do mundo votar a Deus «o seu coração no retiro sagrado de um mosteiro. «Não pude vencer a obstinação d'este pai duro, e «cruel. . . . «Salva-me, conde, d'esta desgraça: peço-to em «nome do nosso amor. . . . Es tu só quem podes «salvar-me.

«S.

«P. S.

«Lembras-te ainda dos penhores «que me entregaste? ou já te «esqueceste de tudo, ingrato?

Sobre uma banca em um quarto do palacio de Fernão Gonçalves estava esta carta da infanta de Navarra, que o conde lia, exclamando:

— Como vilmente me hei portado contigo, minha doce vida! Eu que podêra ter-te desposado depois da batalha de Osma. . . . quanto me pesa não o ter feito! . . . Querem roubar-te ao meu coração. . . . E hei-de eu ver-te tão moça e bella

nos braços de outrem Não! nunca! vou salvar-te ou morrer Já, já! Pagem!

Mas que faço? E abd el Rahman? E Ramiro? E o meu condado? E a minha gloria? E o futuro? Fico, fico para defender o que ganhei com o meu sangue — as conquistas da minha espada, e os furos do meu paiz E quem sabe os destinos que a Providencia me tem reservado? Rei de Leão, calipha de Cordova, a minha estrella não vai no caminho do occaso

Ainda ha bem poucos annos era eu um pobre conde, e outros condes meus iguaes em tudo, senão mais poderosos do que eu, governavam em Castella. Insignificante creatura de Ramiro um aceno do meu suzerano me podia despenhar Pouco a pouco fui tentando o terreno que pizava. Dei batalhas: a fortuna favoreceu-me, e a victoria foi companheira quasi sempre inseparavel do meu pendão. Era pobre: os despojos dos meus inimigos fizeram-me rico. Era obscuro: os combates e os triumphos fizeram illustre o meu nome. As almas nobres fascinei-as com o meu valor. As almas vis seduzi-as com o meu oiro. E as piedosas captivei com a minha devoção e piedade. Procurei grangear por todos os modos a boa vontade dos meus conterraneos, e uma cadêa de esperanças e sympathias se foi tecendo e estreitando em volta de mim. De pequeno que era, cresci, cresci tanto que cheguei á altura em que hoje me acho collocado Conde soberano Talvez! Quem sabe? Um pensamento antigo Que me tolhe o prosegui-lo? Allí dentro d'aquella arca está escondido o meu segredo o voto occulto da minha ambição Ninguém o sabe Ninguém o ha-de saber, senão na hora, no minuto, no momento, no instante da consummação quando eu vestir as insignias da realza que allí guardo Vou vesti-las. É um ensaio que quero agora fazer [corre a abrir a arca, e a vestir-se com ellas] Ah! esta corôa está-me bem: este manto regio foi talhado para os meus hombros Rei de Castella, que tardas o proclamar-te? Mas ainda é cedo Não precipites o passo, Fernão Gonçalves; Ainda é cedo. Humilha os teus inimigos. Reduz ao silencio os teus rivaes. Corre ao campo, confunde os teus invejosos, vence abd el Rahman e Ramiro; e depois Esta corôa está-me bem: este manto foi feito para os meus hombros Astropas do meu condado estão reunidas no burgo, e são-me inteiramente devotas Amanhã vou armar 900 cavalleiros Acabo de sacudir o jugo do meu suzerano O primeiro passo está dado Eia! demos o segundo Ó tentação que me deslumbras e me subjugas! Mas não, não me has-de subjugar Ainda é cedo Torna-te a sepultar n'aquella arca, ó meu segredo É tão formosa esta corôa! Prudencia que nunca o meu poder e a independencia de Castella estiveram em maior perigo E se Ramiro me atacar ao mesmo tempo que o calipha tiver invadido o meu territorio! O rei de Leão é capaz de sacrificar tudo ao seu resentimento, tudo, e até a segurança do throno e a propria vida Não importa venham ambos Succumbirei talvez nessa lucta desigual não succumbirei sem gloria Mas não não hei-de succumbir fio-me na minha estrella Desamparar Castella nesta hora solemne é impossivel. Se me vissem

agora partir para Navarra, as esperanças dos meus inimigos renasceriam, e a coragem dos meus soldados e do meu povo esmoreceria de certo Não partirei Perdoa, mulher do meu coração: de todas as dores que m'o tem apunhalado nas crises variadas da minha carreira tumultuosa, ai de mim! esta é a maior.

E então renovava-lhe a saudade. Tornava a lançar os olhos sobre a carta:

— Perdi-te, minha doce esperanza, e perdi-me a mim outrem te chamará sua e eu que sou o culpado, não hei-de morrer de remorso, e de dor! Alma da minha vida, nunca, nunca poderei esquecer a tua imagem, nem a memoria querida d'este amor!» E chorando recordava-se do dia em que a primeira vez a tinha visto; do sitio em que lhe havia declarado a sua paixão, e colhido a flor virginal nos labios ardentes; das horas de felicidade que havia passado junto d'ella; dos projectos que ambos tinham formado; dos juramentos mutuos que se haviam dado de nunca se abandonarem na vida, e até na morte. Na alma do guerreiro iam já ceder os interesses da sua gloria aos murmúrios do seu coração, e a escorcioneira divina do amor quasi lhe tinha curado as mordeduras da vibora — a vibora da ambição. Então corria com o pensamento, corria ancioso a Navarra. Mas ainda não era em meio caminho, quando lhe lembrava Burgos, — o seu exercito que lá ficava exposto a uma surpresa, — o seu condado que podia ser invadido de abd el Rahman, ou de Ramiro; e, com maior presteza e affogo do que tinha ido, retrocedia. Chegava a Burgos recordava-se outra vez de Navarra outra vez formava proposito de partir, e se arrependia de ter voltado Tornava a chamar, e não acabava de dizer — *pagem*, — porque tornava a arrepender-se E em quanto estava padecendo as agonias d'esta luta interior, em quanto a alma se lhe despedaçava neste combate cruel de affectos oppostos; lá fóra, em Burgos, ao ar livre do céu corriam as ruas danças vistosas de mancebos e donzellas, resoavam canticos alegres, retumbavam harmonias de violas, bandolins, e doçainas, a cidade era toda uma festa; — e no tumulto da festa novas sympathias se travavam, amantes que já o eram promettiam amar-se com ainda maior ardor; e um d'elles, o lindo pagem do conde de Castella, conversava ternamente com a formosa Paqueta

Conversava, e ia talvez no melhor ponto do seu dialogo, quando sentiu um toque no hombro. Virou-se Era um romeiro que lhe perguntava:

— Mossem pagem — pelo vosso trajo vejo que o sois do conde de Castella — perdoai-me, se vos interrompo: podeis-me dizer, se esta hora será propria de um romeiro, que traz de Navarra recado importante para Sua Honra, ser introduzido á sua presença?

— O palacio é acolá. Só lá vos saberão responder, irmão.»

Com isto foi o romeiro andando caminho do palacio. Chegou. Fez a mesma pergunta a outro pagem; e respondendo-lhe este — que era impraticavel fallar naquelle momento ao conde; — o peregrino tirou então da algibeira da esclavina uma caixinha, e disse para o varlete:

— Entregai essa encomenda a Sua Honra. Quando a tiver visto, conhecerá que o romeiro traz recado que merece ser ouvido.

— Senhor, um romeiro que allí está fóra, dese-

ja fallar-vos [disse o pagem, entrando no quarto do conde], e para signal do recado que vos traz, vos manda esta caixinha.» O conde ao abrir a caixa:

— Este anel! é meu é o mesmo que dei á infanta de Navarra Que entre o romeiro Mas que figura é a d'elle? Vistes bem, se era romeiro?

— Senhor, as apparencias são d'isso.

— Mandai-o entrar.» Entrando, disse o romeiro:

— Beijo as mãos a Vossa Honra por esta mercê. Mas, senhor, a mensagem de que sou portador é de tanta importancia, e de tal segredo que releva que nenhuns ouvidos a oiçam senão os vossos. Se podessem fechar-se estas portas, e afastar-se para longe os vossos pagens e escudeiros

— Pagens e escudeiros, afastai-vos. Que ninguém, seja quem fór, se approxime do meu gabinete, ou me venha interromper em quanto d'aqui não saber este peregrino. — As portas eu mesmo as fecho por dentro.

— Agora, romeiro, antes de tudo dizai-me: foi a infanta que vos entregou este anel? Como estava ella? Ouvistes lá em Navarra, se o irmão do conde Véla

Mas ainda bem Fernão Gonçalves não acabava de proferir estas palavras, quando o supposto romeiro repentinamente sacudiu fóra a esclavina, e um capote que trazia por debaixo d'ella; desembainhou uma espada com a maior promptidão; e atacou furiosamente ao conde de Castella; dizendo-lhe com voz rouca e concentrada:

— O irmão do conde Véla, e seu vingador, ei-lo aqui, perro desleal!

— Assassino e covarde! » Foi a unica resposta do conde.

Estava sem armas: não podia defender-se: e como era mui ligeiro e agil procurou evitar os golpes amiudados do seu adversario, furtando-lhe o corpo, e saltando para um e outro lado. Mas sendo o quarto em que esta scena se passava, muito estreito, o conde não poderia escapar a ser ferido, e talvez morto, se um escudeiro, que, desconfiando do disfarçado romeiro, e que por estar bem visto nas feições do irmão do conde Véla, o suspeitára no semblante pelo que elle era na realidade, não ficasse, apesar da ordem em contrario, de vigia á porta do quarto. Ouvia pois o rumor e otinir de armas dentro; e mettendo hombros á porta, arrombou-a, e espada nua arremetteu para o Véla. Feriu-o no hombro esquerdo. Elle voltou-se para o novo contendor, e mais perigoso, porque estava armado; mas, ao voltar-se, Fernão Gonçalves o segurou por detraz, e disse para o escudeiro:

— Mettei a espada na bainha, escudeiro: os traidores morrem pelas costas.» Dizendo e fazendo, como era dotado d'uma força de Hercules augmentada pela cólera, apertou-lhe com tamanha violencia as arcas do peito que todas lhas estoitou; e o assassino cahiu sobre o pavimento.

A este tempo o ruido já alli tinha trazido os pagens e homens todos do palacio, e o vigario Gonçalo Dias e Fr. Pedro, o frade do mosteiro de S. Lourenço, que por acaso vinham procurar o conde.

Este lembrando-se então de tirar do traidor certo esclarecimento util, disse:

— Ide buscar agua, que quero ver se este perro aleivoso ainda póde tornar a si por um instante, para me responder a uma pergunta, que lhe desejo fazer.

— É inutil [disse Fr. Pedro, abaixando-se e tomando-lhe o pulso]: rendeu a alma ao Creador.

— Ao Creador! . . . [exclamou Gonçalo Dias chamejando-lhe os olhos fogo e furor]. Ao diabo que o levou, e ha-de levar a toda a raça maldita dos Vélas! — E acompanhou esta imprecação de um tremendo pontapé no bacinete que cobria a cabeça do cadaver. O bacinete saltou, e o conde reparando nelle, exclamou:

— É a minha

— Que dizeis, senhor?

É a minha boa dita que me livrou d'este trama. É a minha cervilheira, uma das prendas que dei á infanta quando lhe dei o anel. O traidor pô-la na cabeça, quando arrojou a mascara.

— Ide buscar-me o capote do romeiro que alli está no chão.

— É excellente capote para um peregrino [disse o conde em voz alta]. Mas ao examiná-lo, e em voz baixa disse á parte; é o meu capote, outra prenda que a infanta recebeu de mim. Traição infame! — E proseguiu:

— Morreu pelas costas como traidor, será devorado pelas feras como impio. Arrojem-no para a gaiola do leão: quero que esse animal tenha hoje uma merenda esplendida (o conde tinha um leão). E sobre o romeiro e o mais que aqui passou hoje não boquejeis, se presaes a vida os que sois presentes. Não quero que os burguezes tenham motivo de desgosto que interrompa o justo regosijo a que se entregam. Não quero que elles saibam que um assassino se me atreveu dentro do meu proprio palacio. Nem tão pouco desejo que a fiel tiuphadia alavesa se horrorise de similhante attentado. Fique desapontada com o seu mallogro . . . Agora retirai-vos que preciso de estar só.»

Ficando só, entrou a attentar nos motivos porque o morto traria comsigo as tres prendas dadas á infanta, e veio a concluir que não podia ser de consentimento d'esta, e que o acto a que o Véla se arremessára era indicio certo da repulsa que tinha experimentado em suas pertenções amorosas. Estava alli o capote, uma das prendas que dissemos; e em quanto machinalmente se detinha a examina-lo, sentiu uma cousa dura entre o forro, ao correr casualmente a mão por elle. Descoseu-o: era um pergaminho: o pergaminho era uma carta do rei de Navarra para o morto: a carta dizia:

« Com esta vos remeto um anel, uma cervilheira, e um capote, que estavam em poder de Sancha, e eram tres prendas que ella tinha recebido de Fernão Gonçalves. Enviai-as a este, ou entregai-lhas vós mesmo, segundo vos approuver; mas, em todo o caso, que elle veja esta carta, para que fique certo da resolução em que estou de lhe não dar minha filha por mulher; e para que, entendendo a minha resolução, como cavalleiro por lettras proprias desengane Sancha da impossibilidade de um consorcio, contrario aos meus desejos.»

« Deus vos mantenha em sua guarda, cavalheiro Véla.

« Vosso amigo

« Garcia

« Rey.

Lida a carta, uma nova luz lhe aclarou certas duvidas, ou certas sombras que lhe ennoiteciam a alma; e por ella lhe passaram, como outros tantos relampagos, estes pensamentos:

— A infanta ama-me:

— As prendas tiraram-lhas contra vontade della:

— O que a pertendia por mulher, é morto:

— E eu heide possuí-la :

— Garcia, foste um tonto em cuidar que Fernão Gonçalves havia de ser facilmente esbulhado pelos Vélas; por um, do condado, por outro, da amante, e da vida :

— Ramiro, ver-me-has quando quizeres; mas não hade ser na tua curia de covardes e sandeus: hade ser no campó, com a lança em ristre contra o teu peito.»

Então dava outra vez largas aos seus projectos de engrandecimento, e o demonio da ambição vinha cochichar-lhe ao ouvido :

— «E, casando com a infanta, hasde tambem dominar em Navarra.»

*

O papel que aqui representam os Vélas, não é da historia; mas é-o a inimidade entre Fernão Gonçalves, e Véla, conde de Alava, expulso do seu condado pelo primeiro, e obrigado a refugiar-se em Cordova. Esta inimidade mutua tornou-se hereditaria passando do conde Fernão Gonçalves aos seus successores, e do conde Véla a seus filhos. Tambem estes foram expulsos de Castella pelo conde Sancho. Tambem intentaram, e chegaram a vingar-se na pessoa de Garcia, successor de Sancho, apunhalando-o em Leão, á porta da igreja, no momento em que elle conduzia ao altar a sua noiva, irmã de Bermudo 3.º, rei de Leão. E — para ser maior a analogia — eram elles os instrumentos de que se servia o mesmo Bermudo para recobrar a suzerania de Castella; e foi este suzerano esbulhado quem armou aquelle laço ao seu vassallo rebelde.

Todas estas circumstancias, que são historicas, dão ao nosso quadro não o caracter de verdade, mas um ar de *verisemelhança*, que é quanto pretendemos; e o que basta, segundo julgámos, nas composições da especie da nossa.

(Continúa.)

GROCIO.

O AFAMADO Grocio, como é d'uso chamar-lhe, e cujo nome é Hugo de Groot, foi filho de um magistrado de Delft, na qual cidade nasceu a 18 d'abril de 1583: logo na meninice patenteou extraordinaria capacidade, e conta-se que na idade de oito annos já compunha versos latinos; ao completar os onze o mandaram estudar na universidade de Leyden, recommendado particularmente ao theologo Junio e ao celebre critico José Scaligero. Em 1597 sustentou duas publicas theses em philosophia, e escreveu em louvor de Henrique 4.º um poema latino, que dedicou ao ministro da França na Hollanda. No anno seguinte acompanhou a embaixada hollandeza a Paris, onde o rei o acolheu com muita distincção e lhe fez presente de um collar d'ouro; nessa cõrte foi tratado honrosamente pelas principaes pessoas. Restituído á patria abraçou a nobre profissão de letrado e advogou com eminente credito, sem que as occupações forenses o impedissem de proseguir n'outros estudos. Em 1599 publicou a versão latina da obra nautica, escripta por Stevino, a pedido do principe Mauricio de Nassau, para uso dos officiaes da armada: em 1600 appareceu a sua traducção dos «Phenomenos» poema de Arato: as correcções que fez no texto grego são tidas por mui judiciosas, e as suas notas revelam conhecimento da lingua arabica. Entre tão serios es-

tudos não se descuidou de cultivar a poesia latina em que foi insigne.



Grocio foi nomeado advogado e procurador geral do thesouro da Hollanda e Zelandia em 1607: pouco depois contrahiu matrimonio com uma senhora pertencente a uma illustre familia da Zelandia. Em 1631 o elegeram pensionario de Rotterdam, o que lhe deu assento na assemblea dos estados d'Hollanda, e depois na dos estados-geraes. Passados dois annos foi enviado a Inglaterra a fim de accommodar as differenças que procediam do direito que os inglezes allegavam para excluir os hollandezes das pescarias de balea na Groelandia: durante a negociação não esteve Grocio contente com o ministerio inglez, mas ao contrario com o monarcha que o obsequiou muito: porem o mais agradavel incidente da sua viagem foi a oportunidade que lhe offereceu de travar cordial amizade com o erudito Isaac de Casaubono.

A intimidade de Grocio com o infeliz Barneveldt, cujas opiniões politicas e religiosas aceitava, o involveram na desgraça deste seu amigo. A 18 de maio de 1619 foi condemnado a prisão perpetua, e seus bens confiscados; em virtude da sentença o conduziram aos 6 de junho para a fortaleza de Lovestein, situada na ponta de uma ilha, formada pelos rios Maas e Waal; permittiu-se que sua mulher lhe fizesse companhia. Nesta detenção o estudo era o quotidiano emprego do seu tempo, e escreveu varias obras, entre ellas o «tratado da verdade da religião christã» em verso hollandez, que depois passou para prosa latina. — Decorridos dezoito mezes de reclusão foi solto por astucia de sua mulher, que obtivera licença de sahir da prisão duas vezes na semana. Elle recebia livros continuamente, que lhe eram trazidos juntamente com a roupa lavada, n'um grande bahú: por algum tempo era este rigorosamente revistado pelos guardas,

mas como não encontrassem constantemente senão livros e roupa, deixaram-se da pesquisa, o que sendo notado pela esposa de Grocio, esta persuadiu seu marido a metter-se no bahú, e assim pôde evadir-se, fugindo para Antuerpia, e dahi para França: Luiz 13.º o recebeu favoravelmente e lhe concedeu uma pensão. Nesse reino deu á luz o famoso tratado *do direito da guerra e da paz*, que de suas numerosas obras é a mais geralmente conhecida e estimada: os *Annaes da Belgica* em dezoito livros também são muito consultados.

Em quanto Grocio residiu na França, recebeu muitos convites do duque d'Holstein, do rei de Dinamarca, e de Gustavo Adolpho da Suecia para se recolher ás respectivas côrtes, mas rejeitou-os todos, e até o que lhe fez Oxenstiern, em nome da rainha Christina depois de fallecido Gustavo. Nesse intervallo morreu o principe Mauricio, e o seu successor parecia nutrir intenções menos hostis contra Grocio, pelo que instando-o os amigos aventurou-se em 1631 o grande escriptor a demandar a terra natal; mas, apesar dos esforços dos que o haviam chamado, teve de retirar-se novamente dahi a poucos mezes, indo habitar em Hamburgo, onde viveu até 1634, epocha em que foi nomeado pela rainha da Suecia embaixador junto á côrte de França, para o fim de obter auxilio desta potencia contra o imperador que inquietava o governo de Christina. — Grocio chegou a Paris em março de 1635, e posto que achou muitas difficuldades da parte do cardinal Richelieu, e depois no outro ministro Mazarin, manteve os direitos e sustentou os interesses do estado soberano, de quem era filho adoptivo, com toda a firmeza, continuando em seu posto até 1644, em que foi chamado á Suecia, porque assim o requerera. Alcançando passaporte para fazer jornada por Hollanda, desembarcou em Amsterdam, e ahí esquecidos odios antigos o trataram com grandes honras, custeadas as suas despezas pelos cofres publicos: chegado a Stockolmo a rainha lhe manifestou os mais claros signaes de sua satisfação pelo modo por que preencherá a missão que lhe incumbira. Porem como lhe não convinha á saúde o clima da Suecia, se despediu de sua protectora, que o brindou com presentes valiosos: o navio, que o transportava, accommettido de violenta tempestade, mal pôde resistir ao impeto das vagas; e ao assomar a bonança tomou terra muito acima de Lubeck a cujo porto se destinava. Os incommodos da jornada que teve Grocio de fazer de Lubeck em diante, os que padecera no mar, o vento e chuva supportados n'uma caleça mal reparada e sob temperatura desabrida, pozeram emfim termo aos seus dias, em Rostock, a 28 d'agosto de 1645. Para Delft foram honorificamente trasladados os seus despojos mortaes, que descansam no mausoleu de seus antepassados: em 1781 a cidade patria lhe erigiu um monumento; e duas medalhas se cunharam para perpetuar a memoria de tão insigne escriptor e politico habil.

CONTINUAÇÃO DA NOTICIA D'ALGUNS TROVADORES PORTUGUEZES E GALEGOS, E DE SUAS POESIAS CONSIDERADAS COMO ELEMENTO DE PROGRESSO E APERFEIÇAMENTO DA LINGUA.

O nosso bom Ferreira attingiu muito bem o melhoramento produzido pela poesia antiga nos destinos da lingua portugueza, quando disse: =

Inda naquella idade inculta e fera,
 Às forças toda dada, um sprito raro
Piedoso Templo ao brando Apollo erguera,
 Santo Diniz na Fé, nas armas claro
 Da patria pai, da sua lingua amigo,
Daquellas Musas rusticas amparo. =

= O que parece mais admiravel [côntinúa o A. da Memoria sobre a philologia portugueza discorrendo sobre esta passagem] é que quanto esse pequeno esforço dos poetas e as suas rudes produções promoviam insensivelmente o progresso das linguas, tanto mais as mesmas linguas, deixando pouco e pouco sua primitiva rudeza e grosseria, iam contribuindo á perfeição da poesia; de sorte que a lingua e a poesia mutuamente se davam as mãos. = O phenomeno nada tinha de admiravel, antes era elle o resultado natural da relação das cousas entre si. A poesia tinha um campo mais vasto e mais variado em que entreter-se: tudo o que existe dentro da immensa esphera da natureza é materia de suas meditações; o mundo moral e o mundo physico é objecto de suas pinturas: ora para produzir imagens adequadas a tantos objectos diferentes é necessario inventar; a linguagem commum não tem signaes proporcionados á grandeza e expressão de taes idéas, forçoso é recorrer á analogia, e por meio della crer e inventar. Que maravilha pois que a poesia augmentasse e aperfeiçoasse a lingua?

É verdade que os poetas de que temos noticia daquelles primeiros tempos da monarchia quasi se não occuparam senão de trovas amorosas, fructo ordinario e costumado da galanteria da epocha. Desde o tempo das cruzadas que as damas provençaes haviam instituido em Toulouse uma especie de tribunal, ou *cour d'Assises*, que denominaram *Cour de l'Amour*, em que se decidiam todas as propostas e questões relativas aos enredos amorosos, e ahí se não dedignavam os chamados *bellos espiritos* do tempo, os cavalleiros e trovadores, de sujeitarem suas composições. Nós temos á vista um resumo, (*) ou pequena collecção de diferentes propostas e consultas feitas ao tal areopago galante, e suas resoluções respectivas, cousa em verdade tão curiosa quanto futil. Ha vestigios de igual estabelecimento em Barcelona, no tempo de Raimundo Berengario; mas não achamos que esse requinte de leviandade franceza se estendesse a outras côrtes da Peninsula. Propagou-se porem o espirito de galanteria, e esta especie de platonismo, ou adoração supersticiosa da belleza ou real, ou imaginada, a tal ponto que um cavalleiro francez ouvindo gabar a estremada formosura e discrição da condessa de Tripoli na Palestina, embarcou para aquelle paiz, seguiu caminho por terra desde o Egypto até áquelle ponto, soffreu infinitas contrariedades e molestias, mas teve a felicidade de chegar ainda com um resto de vida áquella cidade, e recebendo a visita da compadecida dama, falleceu logo depois. Esta e outras anedoctas da historia dos trovadores mostram até que ponto havia subido naquelle tempo o enthusiasmo da galanteria cavalleiresca. Ainda porem que as trovas, como diziamos, eram pela maior parte queixumes, ausencias e outras futilidades amorosas, não deixavam comtudo de promover o adiantamento da lingua, porque nesse genero de composições e de pertenções ha sempre um empenho de

(*) Recueil de l'origine de la langue et poesie française avant l'an 1300. Paris em 1581.

seducção, e para seduzir é preciso ser engenhoso e eloquente. De mais, supposto que a perda dos escriptos poeticos desses tempos nos tenham privado d'exemplos d'outras composições alem das levianas e galantes, rasões temos para suppor que, á semelhança de nossos visinhos os hespanhoes, nossos poetas se decidiriam a outros assumptos de mais remontado vôo. O livro chamado *Alexandre*, que é um poema em versos alexandrinos escripto originariamente em flamengo por meado do seculo 12.º, foi pouco depois traduzido em lingua provençal ou limosina hespanhola, attribuida a mesma traducção a D. Gonçalo Berceo, ou a elrei D. Affonso o sabio. D. Thomaz Sanches copiou uma amostra desse poema, traduzido a pag. 97 do 1.º volume de sua obra já citada. O mesmo D. Affonso o sabio escreveu em verso alexandrino uma especie de poema intitulado = *livro de las querelas* = em que relata as desventuras da sua deposição, e se queixa da deslealdade dos grandes e cavalleiros do seu reino, que o abandonaram para seguirem a revolta de seu filho, elrei D. Sancho; e se avaliarmos pelo começo que trasladou o mencionado Sanches a f. 150 v. do cit. vol. não carecem seus versos d'elevação e magestade. Escreveu igualmente o *Livro do Tesoro*, obra mui singular sobre a arte da alchimia, ou modo de converter em ouro os outros metaes. Mais antigo que todos estes, e de muito maior interesse philologico é o celebrado *Poema d'el Cid*, em que se cantam as façanhas de Rodrigo Dias de Bivar o campeador, que se suppõe ser do meado do seculo 12.º, mas cujo auctor se ignora. Foi deste livro que mui particularmente se serviu Mr. Raynouard em suas investigações e comparações das linguas. D. Gonçalo Berceo escreveu por fins do seculo 12.º o seu poema intitulado = *Vida del glorioso confessor Santo Domingo de Sillos*. = Fôra elle o amigo do santo e seu companheiro no claustro, e passa como sendo o primeiro auctor conhecido que escrevesse poema em lingua vulgar castelhana: alguns pretendem que elle mesmo fôra o A. do livro do Cid. Escreveu alem daquelle poema sacro outros mais que enchem o 2.º vol. da collecção de D. Thomaz Sanches. Este incansavel poeta aragonez, que floreceu nos fins do seculo 12.º e principios do 13.º, chegando a alcançar o tempo d'Affonso o sabio, terminou sua carreira escrevendo a vida de St.º Aura ou Aurea, monja de S. Millan, como elle mesmo declara: =

Quiero en mi vejez, maguer só ya cansado
 Desta Santa Virgen romançar su dictado;
 Que Dios por'el su ruego sea de mi pagado,
 E non quiera venganza tomar del mi peccado.

Tempo é já de nos voltarmos para nossa casa, e de appresentar a nossos leitores alguns fragmentos de trovas nacionaes e gallegas, para se julgar por el-

Portuguez.

E pois uós uos da cuita nō nēbrades
 Nen do affan q̄ ma mor faz pnder
 Por meu mal uiuo mais ca uos cuidades
 E por meu mal me fezo deus naçer.
 E por meu mal nō morri u cuidei
 Como uos uisse por meu mal siquei
 Uiuo, pois uós por meu mal ren non dades.

las do estado em que se achava a lingua e a grammatica deste dialecto provençal, donde cremos que principal e proximamente proveio a physionomia de nossa lingua actual.

= A grammatica das linguas dos trovadores [diz Mr. Raynouard] deve ser considerada como a grammatica das linguas da Europa latina. = Isto não quer dizer que antes dos trovadores não houvesse essas linguas europeas, a saber, o italiano e o francez, o castelhano e o portuguez; mas sim, que sendo essas linguas todas rudes, irregulares e detestaveis na sua composição e na sua euphonia, vieram a polir-se, a regularisar-se, e a aperfeiçoar-se ajudadas e vencidas pelos melhores modelos poeticos dos mais sabios linguisticos da epocha. Esta especie de methamorphose geral e simultanea é admiravel em seus resultados; porque cada idioma, guardando e conservando o seu typo e physionomia particular, revestiu-se comtudo do trajo e das galas da moda do provençal; e este vestido, este atavio provençal [para assim nos explicarmos] apparece em todas ellas sem prejudicar o character especial de quem o trajava. Assim que, todas eram semelhantes, e não eram a mesma lingua. Por uma consequencia natural destes principios que se vão tornar mais palpaveis á face dos exemplos que abaixo se verão, podemos estabelecer o seguinte corollario: = não é do latim de Cicero, nem de Virgilio, nem dos outros mestres da alta latinidade que os nossos escriptores no seu demasiado entusiasmo tem dito que a *lingua portugueza é filha da latina*; ainda concedendo-lhe a pretendida filiação ou *adopção*, será unicamente desta segunda invasão latina da meia idade, desta modificação e corrupção latina introduzida desde o 6.º e 7.º seculo, e combinada e regularisada na lingua provençal desde o seculo 11.º e 12.º, que com alguma propriedade nos possamos dizer possuidores d'um linguismo latino. =

Vamos aos exemplos: e para maior facilidade e confrontação poremos em face um do outro, em acareação, o provençal portuguez com o gallego, e seguidamente aquelle com o das outras nações meridionaes. Peza-nos não termos á mão trovas de auctores inteiramente contemporaneos em que seria mais curioso o paralelo; e até desconfiamos que as não haverá no Cancioneiro geral d'Hespanha, que Sanches diz se conservava na bibliotheca de Sevilha segundo as informações dadas pelo mesmo auctor, parecendo-nos que não vão a maior antiguidade que ao tempo d'Affonso o sabio. Vêmonos pois forçados a pôr em paralelo as trovas do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, que são sem duvida muito mais antigas, como dos fins do seculo 12.º ou principios do seculo 13.º, com as do trovador gallego, chamado pelos castelhanos = *Macias el enamorado* = que floreceu nos fins do seculo 14.º ou começos do 15.º Assentamos conservar a orthographia do original.

Gallego.

Catiuo de miña tristura
 Ya todos prenden espanto
 É preguntan qué uentura
 Foy que m̄ atormenta tanto?
 Mas non se no mund amigo
 Que mais do meu quebranto
 Diga desto que uos dio
 Que ben ser nunca debia
 Al pensar que faz solia.

Portuguez.

Desta cuit an que me uos teēdes
 En que ogen uiuo tan sen sabor
 Que farei eu pois mia uos nō creedes,
 Que farei eu catiuo pecador.
 Que farei eu uiuendo sēmpre assi,
 Que farei eu q̄ mal dia naçi,
 Que farei eu pois me uos nō ualedes.

E pois que deus non quer me uallades
 Nem me q̄irades mia cuita creer,
 Que farei eu por Deus, que mi o digades
 Que farei eu se logo nō morrer.
 Que farei eu se mais a uiuer ei
 Que farei eu q̄ consello nō sei.
 Que farei eu que uos desamparades.

Enguarirdes voss ome q̄ matades
 E que uos ama mais q̄ outra ren
 Por min uos digo que no acho quen
 Me dé consello nem uos mi o dades.
 Pois deus sabe quã do coraçõn
 Ogen uos amo e se elle me perdon
 Desamo mi por q̄ me desamades.

Per boa fe mia Señor e sabiades
 Ca por q̄ aq̄stey perdudo meu sen
 Mais se Deus quiser q̄ uos dig-algũe
 Qual bẽ uos quero e que o uos creades.
 Poderei en meu sen cobrar de si
 E se a uos puguer q̄ seia assi
 Senpre poren boa uentura aiades.

Para ajudar a intelligencia destas trovas cumpre saber que o poeta portuguez, que com bom fundamento suppõmos do tempo de D. Sancho 1.º de Portugal, amou uma dama que, ou por virtude ou por circunstancias, sem o repellir, lhe pediu que não mais a visse, nem continuasse n'uma paixão infeliz; pelo que o poeta sahio do reino, foi morrer a Castella sempre constante em sua inclinação.

Quanto ao enamorado Macias era elle natural da Galliza, e esteve caseiro de João Rodrigues del Padron, trovadores ambos e amigos. Macias, passados tempos, appareceu escudeiro do famoso D. Henrique de Vilhena, mestre de Calatrava, homem de grande consideração, instruido e poeta. Em casa deste se enamorou d'uma aia ou criada grave, que em ausencia de Macias se casou com um fidalgo de Porenña. Este, instruido da inclinação de Macias, queixou-se ao severo Vilhena, que o fez conduzir ao castello d'Arjonilla, onde esteve prezo em duras cadêas. Apesar de seu tormento não deixava o misero trovador de dedicar á mesma dama seus versos, que sendo interceptados pelo marido, veio a Arjonilla, e teve a barbaridade de arremessar-lhe uma lança com que o matou. Uma destas trovas é a de que damos acima o traslado.

O trovador achou nas lyras contemporaneas e vindouras cantores de sua desventura. Na campa que cobria sua sepultura, da igreja de St.^a Catharina da mesma villa, lhe pozeram a seguinte inscripção ao pé da propria lança matadora: =

Aquesta lanza sin falla
 ay coytdo!
 Non me la dieron del muro
 Nin la prise yo en batalla
 mal pecado!

Gallego.

Cuidé subir en alteza
 Por cobrar mayor estado
 E cai en tal pobreza
 Que moyro desamparado
 Con pesar e con deseio
 Que uos direi malfadado
 Lo que yo hé ben o vejo
 Quando o loco cay mas alto
 Subir prende maior salto.

Pero que pobre sandece
 Por que me deu á pesar
 Miña loucura asi créce
 Que moyro por entonar:
 Pero mas non averei
 Si non ver e desejar
 E por en asi dyrei,
 Quen carcel sole viver
 En carcel sobeja morrer.

Miña ventura en demanda
 Me puso a tan dudada
 Que mi corazon me manda
 Que seya siempre negada:
 Pero mais non saberan
 De miña coyta lazdada,
 E por en asi diran:
 Can rabioso é cosa braba
 De su Señor que se trava.

Mas viniendo a ti seguro
 Me firió e sin tardanza;
 E fue tal la mi andanza
 Sin venturo.

E seu antigo companheiro, João Rodrigues del Padron, lhe dedicou a seguinte trova: =

Si te place que mis dias
 Yo fenesca mal logrado
 Tan en breve,
 Plega-te que con Macias
 Ser meresca sepultado.
 Y decir debe
 Do la sepultura sea:
 Una tierra los crió
 Una muerte los llevó
 Una gloria los posea.

(Concluir-se-ha.)

TODAS as potencias da terra colligadas nada podem contra a reputação d'um homem que a soube conservar no corpo a que pertence. Um magistrado geralmente venerado dentro do seu tribunal, um general acreditado no meio dos seus soldados, são colossos inabalaveis á injustiça e á calumnia.

Os homens mediocres são ordinariamente desconfiados. Henrique 4.º que tinha muita confiança em si nunca desconfiou da submissão ás leis; e quando o famoso Miron, o syndico dos mercadores [prevót des marchands] lhe fez as mais energicas e atrevidas reclamações ácerca das rendas *du hotel de ville*, respondeu-lhe: — vós desempenhaes vosso officio com demasiado calor, talvez meus ministros cumpram o seu com demasiada frouxidão.